

## **APESAR DE SINAIS DE ESTAGNAÇÃO EM MERCADOS GLOBAIS, ALGUNS SEGMENTOS FLORESTAIS APRESENTAM EVOLUÇÃO POSITIVA**

Apesar de um contexto nacional e internacional de apreensão e expectativa em virtude de previsões de estagnação de importantes economias globais e restrito crescimento dos países emergentes, a análise conjuntural do Centro de Inteligência em Florestas deste mês de outubro de 2013 observou que o comportamento dos diversos segmentos florestas têm sido misto, com alguns começando a expressar reações de evolução, enquanto outros têm passado por fases de desaceleração em seus negócios.

### **Segmento de Celulose e Papel**

Nos últimos meses desse ano, o segmento de celulose e papel apresentou bom desempenho. Foi observado crescimento na produção do segmento e das importações de papel. Por sua vez, as exportações e os preços da celulose também cresceram em relação ao ano anterior.

A produção nacional de papel totalizou em agosto 6,9 milhões de toneladas, o que representa um crescimento de 1,5%, de janeiro a agosto deste ano, na comparação com igual período de 2012, quando foram produzidas 6,8 milhões de toneladas. No acumulado, as vendas domésticas de papel aumentaram 2,9%, chegando a 3,7 milhões de toneladas (BRACELPA).

Quanto às importações de papel, nos últimos meses foram registrados aumentos significativos nos volumes de papel couchê: 17,5% de crescimento de junho (22,5 mil toneladas) para julho (26,5 mil toneladas) e 29% de julho para agosto (34,2 mil toneladas) (BRACELPA).

As exportações de celulose, em setembro deste ano, somaram 782,2 mil toneladas, crescimento de 15,5% em relação ao mesmo período de 2012. Na comparação com o mês de agosto houve um recuo de 15% (MDIC).

Já o preço médio da tonelada de celulose exportada pelo País chegou a US\$533,1 no mês de setembro, alta de 1,4% em relação ao mesmo período de 2012. Em relação a agosto deste ano, o preço médio recuou 2,6%.

Nos oito primeiros meses deste ano, a produção de celulose registrou crescimento de 4,8%, com 9,7 milhões de toneladas produzidas em relação ao mesmo período de 2012, quando o volume atingiu 9,3 milhões de toneladas (BRACELPA).

Com relação aos investimentos, até 2015 ou 2016, estes deverão ser da ordem de R\$1 bilhão no país, referentes a projetos na área de papel e celulose, conforme a presidente da Associação Brasileira de Celulose e Papel (BRACELPA), Elizabeth de Carvalhaes.

A Fibria, por exemplo, está otimista em relação à retomada da demanda mundial por celulose ao longo das próximas semanas. Segundo representante da empresa, a demanda chinesa por celulose apresentou recuperação em julho, movimento que era esperado apenas para agosto. Por sua vez, as vendas para os Estados Unidos apresentaram volumes normais em julho, indicando que a já esperada desaceleração da demanda durante o verão norte-americano não ocorreu neste ano. Já o mercado europeu, apesar de desfavorável neste momento, apresenta um grande potencial para recuperação. Assim, a empresa manterá inalterados seus planos para futuros investimentos em Três Lagoas (MS) (Projeto Três Lagoas 2), que será realizado apenas quando as condições da economia mundial melhorarem.

Além dos investimentos da Fibria, está previsto a construção da terceira indústria de papel e celulose no Mato Grosso do Sul. O investimento será de R\$ 7-8 bilhões e as obras começam em junho de 2014.

## **Segmento de Madeira Processada**

No mês de setembro de 2013, as exportações de madeira e derivados foram de US\$155,5 milhões, representando uma redução de 4% em relação ao mês anterior e queda pelo quinto mês consecutivo. Já as importações, em setembro de 2013, foram de US\$11 milhões, representando uma redução de 17% em relação a agosto. Esses números parecem indicar uma desaceleração da economia externa desde maio e da economia interna a partir de setembro. Já o saldo na balança comercial teve uma redução de 2,83% em relação ao mês anterior, alcançando US\$144,5 milhões. No acumulado do ano de 2013, de janeiro a setembro, as exportações totalizaram US\$1.461,5 milhões, apresentando um aumento de 3,8%, quando comparado ao

mesmo período do ano passado. As importações de janeiro a setembro de 2013 totalizaram US\$109,7 milhões e foram 11,4% inferiores ao mesmo período de 2012. Assim, o saldo acumulado da balança comercial de 2013 é de US\$1.351,9 milhões, 5,2% maior que igual período do ano passado. Esses números indicam que apesar da desaceleração dos últimos meses, as indústrias madeireiras apresentam desempenho melhor que o ano passado (Quadro 1).

Quadro 1 – Balança Comercial Brasileira para Madeira e Derivados (capítulo 44) de Janeiro a Setembro de 2012 e 2013, em 1000 US\$

Mês	2013			2012			Variação % entre os anos		
	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo
<b>JAN</b>	140.583	14.367	126.216	134.418	16.686	117.732	4,6	-13,9	7,2
<b>FEV</b>	151.817	10.851	140.966	153.952	12.331	141.621	-1,4	-12,0	-0,5
<b>MAR</b>	163.586	12.951	150.636	183.004	16.275	166.729	-10,6	-20,4	-9,7
<b>ABR</b>	178.206	13.252	164.955	155.764	10.721	145.043	14,4	23,6	13,7
<b>MAI</b>	179.158	12.496	166.662	163.124	13.694	149.430	9,8	-8,7	11,5
<b>JUN</b>	167.739	10.190	157.550	152.732	12.058	140.674	9,8	-15,5	12,0
<b>JUL</b>	163.027	11.330	151.697	158.419	13.959	144.460	2,9	-18,8	5,0
<b>AGO</b>	161.976	13.260	148.716	165.488	14.064	151.424	-2,1	-5,7	-1,8
<b>SET</b>	155.501	10.998	144.503	141.535	14.008	127.527	9,9	-21,5	13,3
<b>Acumulado</b>	<b>1.461.594</b>	<b>109.693</b>	<b>1.351.900</b>	<b>1.408.436</b>	<b>123.796</b>	<b>1.284.640</b>	<b>3,8</b>	<b>-11,4</b>	<b>5,2</b>
<b>Variação % entre SET e AGO</b>	-4,00	-17,06	-2,83	-14,47	-0,40	-15,78			

Fonte: MDIC (2013), elaborado pelos autores.

Para melhorar a competitividade da indústria de madeira serrada e aproveitar o bom momento pelo qual passa o segmento com recuperação dos preços no mercado internacional e um consumo interno aquecido, uma das soluções apontadas por especialistas seria investir na mecanização do processo produtivo. Essa foi uma das alternativas apontadas pelo diretor presidente da STCP Engenharia de Projetos, Ivan Tomaselli, durante Workshop da Abimci/STCP em parceria com o Conselho Setorial da Indústria da Madeira da Federação das Indústrias do Paraná (Fiep), que aconteceu em Curitiba (PR), recentemente. Para Tomaselli, a automação é fundamental para o ganho em produtividade. "Na amostragem investigada pela STCP percebemos que há vários gargalos que podem ser melhorados. O setor ainda está muito ligado à mão de obra, mas encontra pouca qualificação no mercado. A mecanização está melhorando, mas os índices de automação ainda são baixos. É preciso investir na linha de produção",

explicou. De acordo com o especialista, o impacto da mão de obra é de apenas 9% no custo do produto, enquanto a matéria-prima representa 74%. “A automação de alto nível reduz as perdas em até 10%”, avalia Tomaselli.

Um exemplo bem sucedido de automação foi apresentado pelo presidente da francesa Ciris Engenharia, Jean Pierre Olgiatei. Segundo o empresário, os equipamentos modernizaram os processos e garantiram uma maior produtividade. “É preciso inovar para ter um serviço diferenciado, como um prazo menor de entrega. Todo diferencial impacta em ganho de mercado”, ressaltou Olgiatei.

Cerca de 80 empresas estiveram representadas no encontro. Na avaliação do superintendente executivo da Abimci, Paulo Roberto Pupo, a qualidade das informações trocadas durante a reunião foi fundamental para expor e elencar os gargalos da produção e mostrar que existem soluções para o aumento da competitividade do setor. A expectativa é de que mais encontros como esse garantam uma maior sinergia entre os empresários, contribuindo para o desenvolvimento do segmento (ABIMCI).

Com relação a investimentos, recentemente foi anunciada a instalação de uma indústria de *pellets* em Santa Catarina a partir de 2014. A unidade industrial terá produção inicial de 15 toneladas por hora, o que dá uma estimativa de produção anual de 108.000 toneladas de *pellet*. O investimento nesta unidade industrial é de R\$50 milhões. Os *pellets* são pedaços de madeira em formato cilíndrico cujos diâmetros variam de 6 a 10 milímetros. Estes são resultantes de serragens da indústria de processamento de madeira ou de processos de aproveitamento de resíduos lenhosos ou florestais. Só em 2012, os americanos exportaram o equivalente a US\$ 331 milhões para a Europa, grande consumidor desse produto. “O mundo inteiro sabe do potencial florestal brasileiro. Agora, nosso país está começando a entrar nesta área e, em algum tempo, nos tornaremos exportadores, afinal, trata-se de uma energia limpa”, explicou Celso Oliveira (Painel Florestal - Elias Luz)

## **Produtos Florestais Não-Madeireiros**

Entre os vários produtos florestais não-madeireiros (PFNM) comercializados, são destacados neste mês aqueles que apresentaram exportações e importações de maior relevância.



A castanha-de-caju exportada hoje pelo Brasil vem do nordeste e sua produção concentra-se nos estados do Rio Grande do Norte, Piauí e Ceará. Nos últimos nove meses de 2013, estes estados exportaram US\$240,1 milhões, registrando queda de 18,9% sobre os valores obtidos no mesmo período de 2012. Neste período, o estado que mais exportou foi o Rio Grande do Norte, com 66,1% do total comercializado. O segundo foi o Ceará com 33,7%, que possui o maior parque de processamento deste produto em todo o Brasil. Nos primeiros seis meses deste ano, a castanha-de-caju foi o principal item da pauta exportadora cearense, com US\$54 milhões, cifra significativa, mas aquém da obtida no mesmo intervalo de 2012 (US\$88,3 milhões).

Para a castanha-do-brasil, os estados da região Norte, principalmente Amazonas, Acre, Pará e Rondônia, são os maiores produtores nacionais. As exportações nacionais deste ano somam 19,2 milhões, 7,9% menor que igual período de 2012.

O estado do Acre, motivado por uma sequência de políticas públicas e pela estruturação de uma cooperativa de produtores, exportou de janeiro a setembro de 2013 US\$5,3 milhões, correspondendo à 28% do total exportado nesse período, ficando atrás do Pará com 35% e Amazonas, com 34% das exportações da castanha. Para as importações, o produto em destaque é mais uma vez a borracha natural, cuja importação de janeiro a setembro deste ano foi de US\$374 milhões, 7,2% menor que igual período do ano passado. O Brasil é um grande importador desse produto, mas a tendência é aumentar a produção nacional. Segundo o Grupo Eco Seringueira, em 2012, a área cultivada no estado de Tocantins era de 1.840 ha. Para este ano, a previsão é aumentar 52%, passando para mais de 2.800 ha. A produção de seringueira é uma das atividades mais rentáveis no agronegócio mundial, sendo que um hectare plantado da cultura gera em torno de R\$ 1.000,00 a R\$ 1.200,00 de renda líquida para o produtor, mensalmente, a partir do sexto ano (Eco Seringueira).

## **Segmento Moveleiro**

O setor moveleiro, em setembro-outubro, mostra-se tímido em decorrência, principalmente, do freio no consumo que ocorre tanto interna quanto externamente. No mercado interno, a inflação e a evolução modesta no mercado de trabalho, somada

ao endividamento das famílias, maior que os padrões históricos, têm provocado queda no poder aquisitivo e maior cautela dos consumidores em ir às compras. Externamente, notícias de reversão no declínio das economias avançadas não tem se sustentado, deixando os mercados globais apreensivos e ainda recessivos. Previsões recentes de queda no PIB Global e dos países emergentes para 2014 acentuam a desconfiança dos consumidores e investidores e podem intensificar queda de consumo e investimento nos mercados exportadores e importadores. A desvalorização da moeda nacional, paradoxalmente, não tem provocado o aumento esperado nas exportações uma vez que os produtos internos supostamente estariam relativamente mais competitivos e os importados mais caros. Isso ficou evidente no mercado do setor moveleiro em que as exportações caíram e as importações aumentaram.

Segundo a Confederação Nacional da Indústria (CNI), em agosto, a produção de móveis apresentou crescimento negativo para todos os indicadores, principalmente para faturamento real, queda de 9,8% na comparação com agosto de 2012, ao contrário da maioria dos demais setores. A indústria como um todo apresentou crescimento médio de 1,3% no mesmo período.

Com relação ao mercado externo, em setembro de 2013, as exportações foram 7% maiores do que as de setembro de 2012, e 3% menores do que as do mês anterior, agosto de 2013. A valorização da moeda americana não foi suficiente para sustentar aumentos nas compras de móveis do Brasil. Desemprego e queda de renda do consumidor internacional podem estar afetando os mercados. No entanto, o que fica evidente é a necessidade de aumentar a competitividade real do produto nacional para torná-lo mais atraente. Os dados mostram claramente que o setor moveleiro não se move adequadamente nessa direção, pois no acumulado, de janeiro a setembro, tanto de 2012 quanto de 2013, as exportações permaneceram praticamente iguais, tendo ocorrido uma redução de somente 0,4% no total exportado entre os dois anos, nesse mesmo período. Mesmo diante de uma maior competitividade, percebe-se que essa é aparente e ocasional. O que se requer de fato do setor são ações mais concretas que resultem em menores custos e maior produtividade da indústria moveleira nacional frente aos competidores internacionais.

Em setembro, as importações brasileiras de móveis continuaram a subir pelo quarto mês consecutivo. Especificamente em setembro, o valor importado é o maior do ano. Fato estranho, já que com o dólar mais caro, supõe-se que as importações

ficariam em patamares menores. O valor importado, porém, é 49% maior do que o de agosto deste ano. No acumulado, de janeiro a setembro de 2013, as importações somaram cerca de US\$19 milhões, sendo, praticamente, o mesmo valor daquelas ocorridas entre janeiro a setembro de 2012, ou seja, apenas 0,3% maiores (Quadro 2).

Quadro 2 – Exportações e Importações Totais de Móveis de Janeiro a Setembro de 2012 e 2013 (1000US\$ FOB)

Meses	Exportações Totais		Variação	Importações Totais		Variação
	2012	2013	2013-2012	2012	2013	2013-2012
<b>JAN</b>	27.620	26.656	-3%	1.500	2.206	47%
<b>FEV</b>	33.067	32.286	-2%	1.922	2.192	14%
<b>MAR</b>	35.463	33.341	-6%	2.997	2.593	-14%
<b>ABR</b>	32.385	36.601	13%	1.040	2.903	179%
<b>MAI</b>	38.773	40.429	4%	2.882	1.109	-61%
<b>JUN</b>	36.281	35.658	-2%	1.651	889	-46%
<b>JUL</b>	37.196	38.831	4%	1.613	1.725	7%
<b>AGO</b>	45.289	39.054	-14%	2.088	2.025	-3%
<b>SET</b>	35.374	37.876	7%	3.128	3.022	-3%
<b>TOTAL</b>	321.449	320.083	-0.4	18.823	18.764	-0,3%

Fonte: MDCI, elaborada pelos autores

## Segmento de Carvão para Siderurgia

O reaquecimento da demanda doméstica e internacional por ferro-gusa desde o início desse ano contribuiu para uma perspectiva positiva na indústria do carvão vegetal, que elevou os preços cerca de 5,4%, em média, no Estado de Minas Gerais, desde o início deste ano. O produto que atingiu preço médio em janeiro de R\$490/t foi comercializado em setembro a R\$ 518/t.

Segundo dados da Associação Mineira de Silvicultura (AMS), para o mês de setembro, os preços praticados nas regiões de Sete Lagoas, Divinópolis, Norte de Minas e Grande BH foram de R\$510, R\$520, R\$540 e R\$500 por tonelada de carvão, respectivamente. No estado do Espírito Santo o produto foi comercializado a R\$ 530/t. A alta dos preços do carvão pode ser explicada pelo aquecimento do mercado de ferro gusa, que exportou, em setembro de 2013, 221,5 mil/t de gusa; alta de 40% em quantidade exportada quando comparada ao mês anterior. Uma das possíveis causas

desse aquecimento seria a recente melhora no desempenho da economia Chinesa, grande importador de ferro-gusa.

Com o aumento na demanda por ferro-gusa, as produtoras de carvão vegetal estão mais otimistas em relação aos números futuros. O estado de Minas Gerais é o maior produtor brasileiro de ferro e aço, responsável por 60% da produção doméstica. Este possui 62 usinas de ferro-gusa que precisam de carvão vegetal. Em resposta ao descontrolado desflorestamento, Minas Gerais aprovou uma lei que definitivamente proíbe a coleta de carvão vegetal de matas nativas até 2018. Para fornecer carvão vegetal à indústria, Minas Gerais precisaria de cerca de 1,5 milhão de hectares de novas plantações (Platts /Foundry Gate).

#### **Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas**

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

Thaís Furtado Mendes – Gestora do Agronegócio, M.Sc. em Ciência Florestal

Camila Brás Costa – Eng. Florestal, M.Sc. em Ciência Florestal.

\* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.